

IMAGENS DE SI COMO POSSIBILIDADE PARA UMA ANÁLISE DO SENSÍVEL NA REVISTA FLOR DE LIZ (CAJAZEIRAS-PB, 1920-1930)

Risoneide Silva de Araújo¹

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosemere Olímpio de Santana²

Introdução

As mulheres da elite cajazeirense utilizavam muito mais que apenas lápis e papel, seus escritos deixavam nas entrelinhas uma Cajazeiras sentida de formas particulares, assim experimentando cada espaço e colaborando para um novo olhar dos seus leitores e leitoras. Desse modo, entre os rituais religiosos e os afazeres domésticos outros interesses se faziam presentes, entre eles publicar na revista e mostrar para as demais mulheres cajazeirenses os prazeres encontrados nos lares, na religião e nos avanços modernos, porém conservador.

Assim, buscamos compreender a partir do periódico como era viver, sentir e se comportar enquanto mulher e como os seus sentimentos eram e poderiam ser sentidos e compartilhados dentro do modo no qual as mulheres deveriam se encaixar. Sendo assim, podemos perceber que determinados dispositivos como, por exemplo, a moda poderia influenciar nas suas formas de perceber a sociedade. Ao analisarmos a revista é possível vermos que essa era controlada pelos interesses colocados dentro dessa sociedade, como também das próprias mulheres que a partir de suas particularidades se expressavam dentro do contexto, compartilhando mais que leituras, compartilhando sentidos. Desta maneira partilhando da ideia de Pesavento (2007, p. 21), acreditamos que “recuperar sensibilidades não é sentir da mesma forma, é tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo pelo rastro que deixou”.

Desse modo, enquanto sujeitos que buscam compreender um pouco mais desse contexto no qual essas mulheres estavam inseridas e perpassando as mais variadas relações, pretendemos compreender como os usos da moda expostos nos textos dos periódicos, a partir de imagens fotográficas, podem dar possibilidade para vermos emoções vividas. Sendo assim, não cabe a nós trazermos o passado de volta ao falar dessas mulheres, mas dar visibilidade para que elas possam contar um pouco mais dos seus jogos sensoriais.

¹ UFCG/CFP. E-mail: risoneide_liciane@hotmail.com

² UFCG/CFP. E-mail: rosemere.santana@hotmail.com

A imagem fotográfica colocada na Revista Flor de Liz nos permite conhecer um pouco mais sobre essas mulheres nas mais variadas formas, sejam para divulgar acontecimentos, anúncios, aniversários, para ilustrar as notícias, tudo isso eram algo presente no corpo do texto. É nesse meio que surgem imagens de homens, mulheres, prédios e objetos variados. No entanto, como forma de análise para compreendermos um pouco sobre as experiências sensíveis das mulheres na *Flor* e como a moda torna-se possibilidade para essa discussão a partir dos seus usos, utilizaremos algumas das imagens de mulheres divulgadas na revista.

Pensando nos lugares que eram colocados para homens e mulheres no contexto dos anos 1920-1930 na Paraíba como também o processo de modernização que se apresentava na cidade de Cajazeiras, é plausível de análise perceber como os rostos femininos se expressavam no periódico, tendo em vista que a imagem fotográfica traz consigo toda uma intencionalidade e ao ser exposta na revista existia um interesse de quem as colocavam, o que nos levam a pensar as mesmas além do anúncio de aniversário, mas uma forma de expor no corpo do texto uma leitura de si, dos sentidos. A foto nos permite revelar momentos, expressar emoções e, por traz do rosto e da postura das jovens senhoras e senhorinhas existe um mundo e é nesse mundo de sensações que convidamos os nossos leitores a adentrar na *Flor de Liz* e, portanto, conhecer um pouco sobre essas mulheres.

Mulheres essas que sentiam, amavam e tinham anseios, que estavam em contato com as mudanças modernizadoras, porém eram também conservadoras. É relevante que mesmo influenciadas por discursos religiosos, pela sociedade e compartilhando em sua maioria dos mesmos, nada impede que estas escrevessem sobre seus gostos e desejos. Isso se torna evidente quando na revista está presente um discurso sobre o uso do corte de cabelo, então, percebemos que na maioria das imagens publicadas a figura da mulher aparece fazendo apropriações do modelo a *la garçonne*.

É na tessitura das imagens colocadas na *Flor* que o vivido dessas mulheres torna-se visível, cada fotografia traz uma riqueza de detalhes que assim nos permite perceber as visibilidades e o dizível que as mesmas podem nos conduzir. Enfim, focaremos nossos olhares para os retratos destas mulheres na revista, uma maneira subjetiva de buscar a partir das nossas experiências contemporâneas e como coloca Silva (2000) ver “lugares de sedução, visibilidade que as mulheres alcançam na época moderna”. É nesse emanar de possibilidades que levantamos alguns questionamentos

sobre os padrões que eram predominantes, como os gostos pela moda, as apropriações e como a beleza estava relacionada a esses usos.

Rostos femininos na Revista Flor de Liz

A Revista Flor de Liz, mensalmente ilustrada, trazia em seus textos vários aspectos e informações relevantes sobre Cajazeiras nos anos de 1920-1930. Como já foi citado nos capítulos anteriores, a revista torna-se expressão do progresso para a cidade, assim enquanto revista ilustrada toma destaque, pois permite ao leitor um contado mais próximo entre as notícias escritas, dando uma nova linguagem para compreensão dos fatos. Para Costa (1993, p. 70).

As revistas ilustradas marcaram sua diferença em relação à imprensa diária através do apelo das imagens, consolidando o processo de massificação da fotografia iniciado em meados dos séculos XIX. Estas revistas assumiram um papel de crescente importância até o início dos anos 1950, inundando a sociedade contemporânea com uma quantidade e uma variedade sem precedentes.

É importante ressaltar que a ilustração em alguns periódicos possibilitou um aumento maior na diferenciação entre os demais impressos presentes nesse contexto, assim acreditamos que as imagens empregadas fazem com que a curiosidade do leitor seja despertada pelos mais variados temas.

A utilização de fotografias de mulheres escolhidas por mulheres na Revista flor de Liz nos faz pensar sobre o contexto e as sociabilidades da época, pois segundo Corbin (s/d, p.09) cada sociedade vive no interior de um arcabouço temporal. Nesse sentido, pensar os modos, a moda e como as mulheres buscavam viver essa Cajazeiras, é algo que está além dos espaços, das fronteiras, percebendo emoções e experiências que são individuais, mas também compartilhadas.

Então, para adentrarmos nesses sentidos perpassados pelas imagens fotográficas é relevante nos questionarmos sobre o ato fotográfico: Por que a importância da imagem de si? Quais os interesses e emoções estavam inseridos no desejo de guardar ou expor para si determinadas fotos? Por quais motivos eram motivadas as mulheres da elite Cajazeirense ao expor suas fotos? Assim, essas perguntas fazem com que possamos entender e analisar as imagens, tendo em vista que a imagem não fala por si só e é preciso que perguntas sejam feitas.

A partir dessas questões, buscamos como aponta Corbin (s/d) perceber não as causas das mulheres colocarem suas fotos ou permitir serem expostas, mas os sentidos da escolha. Toda via, pensarmos esses sentidos é pensar as relações constituídas e os arranjos formados nesse meio, assim existindo toda receptividade dos que expõem as imagens como também dos receptores. A esse respeito, Mauad (2005, p.134) afirma que “O papel dos sujeitos sociais como mediadores da produção cultural, compreendendo que a relação entre produtores e receptores de imagens se traduz numa negociação de sentidos e significados”, assim nesse meio de produção da revista as imagens nos aparecem muito além da ilustração.

A partir dessa linguagem visual que as imagens fotografias nos permitem ver e analisar, buscamos compreender os jogos sensoriais presentes nas imagens analisadas. Para tanto, tomamos como base Mauad (2005) que nos apresenta uma discussão sobre o trabalho com a fotografia em revistas do Rio de Janeiro na primeira metade do século do XX. A autora afirma que as imagens nos contam histórias (fatos/acontecimentos), atualizam memórias, inventam vivências, imaginam a história. Assim, é importante percebermos antes da análise das imagens fotográficas das mulheres na revista, como as mesmas se colocavam em torno dos usos da fotografia e as apropriações em torno dos estilos voltados para corpo e beleza.

Para tanto, usando de imagens femininas presentes na revista, podemos compreender um pouco sobre os sentidos, para isso é preciso levantar alguns questionamentos: Quais os gestos expressos nas imagens? Quais os reflexos da moda foram expressos? Quais as apropriações? Para tal análise, escolhemos algumas imagens femininas presentes nas capas como também no corpo do texto. Na edição da revista de junho de 1930, as autoras colocam na capa a fotografia de D. Joaquina Freire, a mesma era “Digna” esposa do Sr. Raymundo freire e fazia parte de uma das secções da Ação Social Católica Feminina.



Flor de Liz, Anno IV, Nº 7, junho de 1930.

O uso da imagem aconteceu em decorrência da passagem do seu aniversário, os artifícios presentes na imagem nos possibilita perceber que ela era pertencente à elite cajazeirense, visto o uso de vários acessórios, entre eles, brincos, colares, broche no cabelo como também uma vestimenta rica em detalhes; seu rosto tem traços marcantes e a mesma se apropria do corte de cabelo a *la garçonne*, que por muito tempo esteve em uso na cidade Cajazeiras-PB.

Contudo, na edição de agosto de 1927 intitulada “Cabellos...longos” quem escreve narra experiências vividas em outro país, mas desperta o interesse das leitoras. Além disso, discorre sobre o uso do cabelo longo na Espanha, relatando que “qual, porém, não foi o espanto, de toda cidade, quando verdadeiro batalhão de belíssimas espanholas se apresentou no concurso com bastas e lindíssimas cabeleiras...”. Dessa maneira, as autoras nos permitem entender que mesmo estando em uso o corte curto, o longo era visto por algumas mulheres como os mais bonitos ou conveniente. Na revista e nas fotografias de si, as mulheres pertencentes à elite cajazeirense apresentam o modelo a *la garçonne*, mostrando que mesmo vivendo em uma conjuntura que determina regras do que fazer ou não fazer, tentavam adequar a moda aos seus gostos. No mês de abril de 1927, a escritora Cynthia pública sobre o uso do corte de cabelo a *la garçonne* e expõe sua opinião sobre essa polêmica.

E não é isso uma questão de gosto? De gosto de higiene, de comodismo, sim mas não só por qualquer uma dessas causas. Usa-se o cabelo cortado simplesmente porque é moda: a moda quiz e nada mais. [...] julgo que a mulher é que imprime, nas suas modas, nos seus uzos, o chic, a moral, a distincção que lhe são especiaes (FLOR DE LIZ, Abril de 1927).

Desse modo, compreendemos que os gostos se faziam presentes e eram sentidos pelas mulheres, gostos esses que se refletem nos cortes de cabelo, nas formas de se vestir, nas próprias maneiras de fugir das regras que, muitas vezes, buscavam manipular os corpos. Ao olharmos a foto não podemos afirmar que na fotografia de Joantina Freire, ela estivesse com os cabelos cortados, pois Cynthia dando continuidade ao seu artigo também nos apresenta que “a mocinha vaidosa ou madame elegante, arranjavam geito, procuravam enfeite de maneira que os seus cabellos imitadores do a la garçonne”. Sendo assim, podemos ver que de algumas maneiras essas mulheres buscavam estratégias para expressar seus gostos, seja no corte, no uso do broche ou na maneira de prendê-lo.

Ao pensar o sensível a partir do uso das fotografias femininas, podemos dialogar com Pesavento (2007, p.20), pois está afirma “(...) que sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidade do espaço construído”. Assim, o uso da fotografia pode nos revelar perspectivas que passam muitas vezes sem percebermos como, já fora mencionado, o corte de cabelo que mesmo existindo falas na qual determinava os modos e as modas, as mulheres buscavam dentro de suas limitações fazer o uso do mesmo.

Com relação à produção de imagens fotográficas em Cajazeiras e a publicação na *Flor de Liz*, percebemos que já existia uma grande preocupação visto que em quase todos os números analisados encontramos a divulgação da “Photographia modelo”, sendo proprietário o senhor J. Magalhães. No anúncio estava expresso da seguinte forma:

“J. Magalhães proprietário dessa fotografia tem o prazer de oferecer ao distinto público desta cidade os seus serviços photofhicos, garantindo que executará qualquer trabalho que lhe for confiado com presteza, cuidado e asseio para o que dispõe de longa prática, ainda ressalta trabalhos nítidos, expressos e inalteráveis por processos moderníssimo, produz coloridos e ampliações em todos os tamanhos. Preços Convidativos (FLOR DE LIZ, Ano I, março 1927).

Dessa forma, entendemos que a utilização da fotografia era tida como um signo presente do moderno e que a cidade nas décadas de 1920-1930 já fazia uso, porém nem toda comunidade poderia usufruir desse aparato tecnológico, tendo em vista os preços. Assim, a revista traz fotos variadas de fotografias de mulheres e homens, estes ocupavam cargos importantes na cidade como, já foram citados anteriormente, médicos,

políticos, comerciantes e padres; enquanto as imagens femininas aparecem na condição de professoras ou relacionadas aos pais ou esposos. A imagem seguinte que observamos é a fotografia de Elita Cabral, presente na edição de abril de 1927 que informa “a inteligente senhorinha Elita Cabral gentil filha do casal Dr. Genesio Cabral e D. Douralice Cabral”. A mesma tem a imagem divulgada em decorrência do seu aniversário, para muitas jovens este acontecimento comemorativo seria um momento único, pois suas imagens poderiam estar estampadas em alguma capa da revista.



Flor de Liz, Anno IV, N° 4-6, Abril de 1930.

A fotografia está em preto e branco, provavelmente traz a imagem de uma senhorinha da elite cajazeirense. Podemos descrever toda uma riqueza de detalhes, desde o laço na cabeça que poderia representar o sinal de pureza da jovem, o corte de cabelo, como também o banco sendo o local que a mesma senta para fazer uma pose. Assim, a imagem transmite toda uma sensibilidade, desde a escolha da roupa até o ângulo da foto, ou seja, existe todo um ritual até chegar ao clique do fotógrafo.

Pelo enunciado na coluna da revista a jovem provavelmente é solteira, isso é possível de análise, pois geralmente as senhoras casadas traziam o nome do esposo, sendo que Elita é apresentada apenas como “filha do casal...”. Pelas características da foto em comparação com as demais imagens femininas expostas nesse capítulo, a jovem aparenta ser bem mais nova, assim usando da sua mocidade a imagem passa uma inocência e pureza, trazendo uma beleza singela, meiga e com recanto de delicadeza. Isso é perceptível até mesmo pelo uso da roupa, pois essa tem menos detalhes e cor mais suave, possivelmente branca. Nesse sentido, podemos analisar que ao colocarem a

foto da senhorinha na revista, as mulheres tinham ideais de pureza, beleza e conduta que eram repassados no periódico.

Logo as fotografias usadas na revista nos deixa brecha para percebermos as diferenças colocadas entre os sujeitos e os espaços ocupados, mostrando o reflexo da vida de homens e mulheres que habitavam Cajazeiras nas décadas de 1920-1930 e; faz-nos refletir sobre as relações de gênero que estão atreladas na sociedade e como as regras, os discursos e as instituições podem contribuir para a diferença entre os indivíduos, assim determinando o que é ser homem e o que é ser mulher. Discutindo sobre esses lugares enquanto construção das identidades para o feminino e o masculino, Louro (1997, p.28) afirma que:

É possível pensar as identidades de gênero de modo semelhante: elas também estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculino ou feminino, arranjos e desarranjos seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se, não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transforma-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades, de raça e de classe... (LOURO, 1997, p.28).

Portanto, as formas como os lugares para o feminino e o masculino eram constituídos na Revista Flor de Liz ficam evidentes nas edições que tivemos acesso, entre elas: 1927, 1930 e 1931. Podemos observar que as imagens predominantes são masculinas, aproximadamente 49 de homens e 21 de mulheres, dentro do texto várias imagens se repetem e muitas se misturam. Assim, o que nos leva a questionar: Por que a maioria é masculina? Acreditamos que em consequência das profissões ou cargos na cidade serem ocupados por esses homens, as carreiras variavam entre médicos, políticos, comerciantes e padres, sendo que esses ocupavam os espaços do público e as fotografias presentes na revista estavam voltadas para os anúncios em torno das suas funções e dos lugares que os mesmos ocupavam.

Nesse sentido, visualizamos um desejo dos sujeitos ao escolher para si quais imagens seriam expostas na revista e suas finalidades. Sabendo que a mesma atingiria grande público e suas fotos seriam vislumbradas por outros meios é evidente que existia um trato para escolher a melhor foto. A respeito da fotografia, Borges (2003, p. 40) afirma que:

Parte significativa da fotografia, profissional e/ou amadora, passou pela confecção de retratos de indivíduos cujo desejo era transcender os muros do anonimato erigido pelo ritmo acelerado e voraz da modernidade. Desde cedo o retrato fotográfico se colocava como prova material da existência humana, além de alimentar a memória coletiva de homens e mulheres e de grupos sociais.

A autora nos dá a possibilidade de visualizar os retratos enquanto mecanismos de respaldo, ou seja, aos se apropriarem deles os sujeitos fazem escolhas, podendo fazer suas seleções e expor o melhor que podiam oferecer. As fotografias colocadas na Revista Flor de Liz podem contribuir para a saída do anonimato de homens e mulheres, tendo em vista que a mesma circulava na Paraíba, assim outros espaços poderiam vir a conhecer esses indivíduos. No entanto, buscamos perceber as fotografias como produtoras de sentidos, atrelando-se às relações sociais.

Extraír por meio das imagens fotográficas presentes nos periódicos um pouco das visibilidades e sensibilidades das mulheres da elite cajazeirense não é fácil, pois somos perpassados por desejos e olhares atuais. Assim, é importante treinar o nosso olhar para buscarmos entender os sentidos que levavam as mulheres a expor suas imagens na revista como também o que vinha antes da pose, ou seja, o ato de se fotografar permitia a fixação de um determinado momento bem como para mostrar a aquisição de um produto que se tornava expressão do moderno, logo ter para si uma foto seria uma maneira de permanecer viva uma lembrança.

Dessa maneira, para entender os usos que vinham antes da escolha da imagem para ser divulgada pelas mulheres na revista é necessário compreender um pouco sobre as técnicas de produção, que a nosso ver tornava-se algo além do desejo pela produção, mas o anseio de propagar para si uma imagem de um determinado momento vivido. Assim, Mauad (2005, p.136) possibilita essa discussão ao nos apontar possibilidades de se trabalhar com fotografias:

O ponto de partida é compreender a natureza técnica do ato fotográfico a sua característica de marca luminosa, daí a ideia de indício, de resíduo da realidade sensível impressa na imagem fotográfica. Em virtude desse princípio, a fotografia é considerada como testemunho: atesta a existência de uma realidade.

Percebemos que algumas mulheres estavam sensíveis às transformações que a cidade estava passando, como os processos de modernização. Desse modo, viver e se expressar nessa conjuntura era algo pelo qual buscava boa parte das mulheres, dentro

desses princípios a mulher buscava formas de vivenciar esses contextos na moda, na religião e nos lazeres.

Assim, percebemos que mesmo compartilhando do mesmo contexto as mulheres da Revista *Flor de Liz* tinham suas particularidades, desejos, alegrias, medos e gostos que nunca eram sentidos da mesma forma. Luna (2012, p. 20) relata que no contexto da modernidade vivenciado na Paraíba no século XX, “a modernidade torna-se anseios de muitos”. Dessa maneira, podemos perceber que nessa conjuntura de mudanças outros sentimentos vão se constituindo como os medos, as angústias e as inseguranças, pois todas as transformações que a Parahyba como também Cajazeiras estavam vivenciando são perpassadas por sujeitos que muitas vezes sentem receio pelas mudanças na sociedade, mas que mesmo assim buscavam vivenciá-las dentro dos modos possíveis.

Nessa conjuntura, as mulheres iam se fazendo presentes a partir dos seus escritos em revistas e em jornais. Na *Flor de Liz* algumas escritoras divulgavam suas imagens, escolhemos duas fotografias que trazem senhoras pertencentes ao periódico, entre elas respectivamente, Rosinha Mendes, secretária da revista e Fortunata Assis, está escrevia diversos artigos para a revista. Ambas são mulheres da elite, casadas e que nos traz em seus retratos toda uma elegância, postura e olhares. Rosinha Tavares faz uso de joias e um vestido aparentemente branco, seu olhar está distante; diferentemente Fortunata não utiliza joias, mas usa um vestido com detalhes em flores e direciona para um ponto fixo. Essa escritora tem seus artigos expostos na revista e a maioria envolve assuntos relacionados à beleza e como deve ser aquelas que não são consideradas bonitas. Notamos também que em ambas as fotografias essas mulheres buscavam outros olhares que não eram a do maquinário, essas poses são predominantes na época e caracteriza esse modelo.



D. Rosinha Mendes Tavares esposa do sr. Thomé Mendes Ribeiro e nossa incansável e bondosa secretária que aniversariou no dia 14 de Novembro.

Flor de Liz, Anno IV, Nº 10-11, Out 1930.
D. Rosinha Mendes Tavares



Flor de Liz, Anno IV, Nº 10-11, Out 1930.
Fortunata Assis

Perceber esses sentidos e sensibilidades relacionados à Revista Flor de Liz nos leva a caminhos desconhecidos, mas instigantes. Assim, vemos que para se chegar à determinada fotografia existiria uma escolha, está correlacionada a todo um ritual desde a escolha da roupa, dos acessórios, ângulo e olhares, enfim, desde o ato de ser fotografada até escolher a foto para ser divulgada, essas mulheres eram transcorridas por anseios e intencionalidades. Para tanto, sabendo do avanço da revista em Cajazeiras como também em outras localidades, essas mulheres tornavam-se visíveis em outros meios a partir do escrito e das imagens. Sendo assim, o espaço do privado torna-se público e essas mulheres criavam certa visibilidade a partir das imagens de si, tendo em vista que os espaços e limites dedicados a mulheres estavam atrelados aos cuidados domésticos e dos filhos.

Mauad (2005, p.136) ressalta que “(...) há de se considerar a fotografia como uma determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, guardando nessa atitude uma relação estreita com a visão de mundo daquele que aperta o botão e faz clique”. Aqui vemos que o fotógrafo escolhe o melhor ângulo para sua fotografia, mas as mulheres também poderiam escolher, dentro das suas limitações, a melhor foto e expor nas edições publicadas pela *Flor de Liz*. Nas imagens abaixo, podemos visualizar duas fotografias de jovens Cajazeirenses: Turquinia Albuquerque e Adazgisa Reis, moças que são expostas na revista em decorrência da formação da turma de novas professoras da escola Normal. Elas são parabenizadas pela conquista e pelo mérito de se tornarem educadoras na cidade.



Flor de Liz, Anno I, N° 12, Nov. 1927
Adazgisa Reis



Flor de Liz, Anno I, N° 12, Nov. 1927
Turquinia Albuquerque

É notório que ambas são moças da elite, seguem um padrão de beleza. Adazgisa usa acessórios como o broche e colar, o vestir nos chama atenção, pois diferentemente das outras fotografias, a jovem deixa transparecer um pouco do colo, possivelmente essas vestimentas estavam adentrando os espaços da cidade e despertando os interesses das moças. A fotografia de Turquinia Albuquerque distingue um pouco das demais por causa da posição que o fotógrafo utiliza, ela utiliza joias e, assim como as fotos anteriores, segue um olhar distante. Ambas expressam rostos sérios e sorriso fechado, dando uma sensação de melancolia.

Sobre esses rostos femininos e suas formas de expressar nas imagens, Luna (2012, p.26) comenta que, nesse sentido, o desvio do olhar ou mesmo ausência de sorrisos, certamente é um jogo de apropriações que busca mostrar apenas o que convém ser revelado. Tudo isso, transcorridos por formas de sentir e maneiras de ser na cidade de Cajazeiras nos anos de 1920-1930. As fotos demonstram uma particularidade feminina, essa expressa uma sedução, olhares misteriosos e rostos sedutores, ao tempo que tudo isso se completa na delicadeza e nos modos de agir.

As imagens das senhoras e senhorinhas que selecionamos apresentam uma característica comum com relação à técnica, todas apresentam apenas a parte do colo e rosto, assim percebemos que na revista a predominância era esse tipo de imagem fotográfica. Sobre o uso dessas técnicas, Luna (2012, p.26) comenta que quase todos os retratos em plano americano, o jogo de luz e sombra privilegia o rosto e o coloca com foco destas imagens. O que Deleuze *apud* Luna (2012, p. 26) chama na cultura Ocidental de rostificação, ou seja, o rosto como registro e visibilidade das emoções.

Para entendermos melhor as posturas das mulheres nas fotos e as técnicas usadas pelos fotógrafos nesse contexto, Silva (2011, p.26) explica que “a maioria são em planos americanos o corpo comumente está levemente lateralizado, os fundos são escuros, sorrisos raramente aparece e o olhar quase não fita a câmera, quanto a este padrão há poucas exceções”. Nesse sentido, os rostos fotografados traziam mais que simples olhares, poderiam passar sentidos, estes atrelados às formas e aos modos de se expressar, tanto na revista como também para a sociedade.

Os corpos femininos que surgem nas fotografias permitem vislumbrarmos um dos mecanismos presentes na sociedade cajazeirense que seria a moda, esta se relaciona em seu contexto com o corpo e os padrões de beleza existentes no período. Assim, pensar sobre eles a partir das imagens colocadas na revista é uma forma de analisarmos que além do ideário de belo ou feio, existia um interesse de se colocar, pois acreditamos que seria uma forma de adentrar outros espaços, saindo assim do espaço do doméstico e atingindo “locais masculinos”, tendo em vista que a revista poderia ter uma boa circulação.

Considerações finais

Todos esses artifícios percebidos nas fotos femininas nos possibilita ver que a moda e as apropriações feitas pela mesma eram presentes em Cajazeiras e, também debatidas na Revista Flor de Liz como expressão de modos e comportamentos acionados por mulheres na cidade. Pensar a moda relacionada com os retratos e analisar um pouco dos usos e, principalmente, ver o sensível que se relaciona com a mesma, pois não é apenas a indumentária, mas como esta é produto de uma sociedade e que ao usá-la, os sujeitos estão se colocando enquanto receptores da mesma. A esse respeito, Lipovetsky (2010, p. 207) aponta que “no coração do individualismo contestador, há o império da moda como trampolim das reivindicações individualistas, apelo à liberdade e a realização privadas”. Desse modo, podemos perceber a moda como algo que expressa gostos e vontades, assim os indivíduos podem tomar para si determinados formas de vestir, mesmo que as receptividades muitas vezes não fossem bem vistas pela igreja católica.

Nos escritos da revista percebemos uma preocupação com os cuidados com a beleza, no artigo de janeiro de 1927 ao escrever sobre os concursos de beleza, a autora afirma que “dir-se-ia que as próprias letras sagradas estimulam a mulher a se preocupar

de sua beleza”. Além disso, reforça “não raro as mulheres que se nos propõem como modelo, utilizaram-se dela para grandes bens”. Dando continuidade ao artigo, a mesma expõe que “frequentemente são os conselhos das mais autorizadas vozes da igreja, no sentido de se fazer a mulher agradável pela sua formosura a seus esposos”.

As imagens femininas na revista tomam certo destaque e nos permite perceber entre os indícios possíveis outras formas de leituras. A beleza física estava atrelada a manutenção do caráter, ou seja, ser bela e manter-se bela e viver a moda era pertinente deste que a função da mesma estivesse dentro dos ditames religiosos e princípios familiares, no qual zelava pela moral e pelos bons costumes.

Por fim, questionamos: O que essas mulheres retratadas tinham em comum? Essas mulheres compartilhavam normas, dividiam ideias, escreviam para uma mesma revista, estavam associadas a Ação Social Católica Feminina, cuidavam dos lares e educavam seus filhos e se interessavam pela moda. Porém, se diferenciavam a partir dos seus desejos pessoais, pois sentem de formas particulares, por isso ao se pensar as fotografias femininas não podemos ver apenas a imagem, mas todo um enunciado no qual engloba as experiências particulares, sentimentos e sensibilidades de uma época que não é a nossa. Mas que ao olharmos a fotografia surge toda uma inquietação para refletirmos sobre esses usos e como ao posar para foto, usar o melhor vestido e colocar em seu corpo os acessórios necessários para deixá-las ainda mais elegantes, tornou-se possível perceber as imagens de si como uma linguagem visual para se pensar o sensível.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Maria Elisa Linhares. **História e Fotografia**. Belo Horizonte: autêntica, 2003.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CORBIN, Alain. O prazer do historiador. Entrevista concebida a Laurent Vidal. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.25, n. 49, p.11-31. 2005.
- COSTA, Helouise. Da fotografia de Imprensa ao fotojornalismo. In: **Acervo Revista do arquivo nacional**. Rio de Janeiro: arquivo nacional, v.6. n. 01/02, Jan/Dez, 1993.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. A emergência do gênero. In: **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 28.
- LUCA, Tania de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: LUCA, Tania de; MARTINS, Ana Luiza. (Org.). **História da imprensa no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 149-205.

LUNA, Maria Stella Nunes. **Moda e modo**: uma leitura do moderno através das capas da revista Era Nova (PB,1920). Guarabira, 2012. (Monografia de graduação).

MAUAD, Maria Ana. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. I, n. 2, p.11, 1996.

_____. **Na mira do olhar**: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. Anais do museu Paulista. São Paulo. v.13, n.1, p.133-174, Jan-jun, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique. **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

SILVA, Alômia Abrantes de. **As Escritas Femininas e os Femininos Inscritos**: imagens de mulheres na imprensa paraybana dos anos 20. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000. (Dissertação de mestrado).